Antes de Dizer Adeus

M. h.

M.h.

Antes de Dizer Adeus

Antes de Dizer Adeus

Apresentação

Conheci M.h. no site Passa Palavra e gostei do que li. Quando o coletivo Passa Palavra me convidou para elaborar a apresentação de *Antes de Dizer Adeus*, aceitei apesar do desafio de escrever sobre uma obra e uma pessoa que não conhecia bem. Não me arrependi. Pelo contrário. Imprimi e encadernei os poemas. Desfrutei as várias leituras que fiz. Li pela ordem, aleatoriamente, do fim para o começo. Recomendo.

A poesia de M.h. é visceral e sanguínea, muito diferente do que se faz por aí. Nada a ver com os "poetas babosos" que frequentam saraus para comercializar livros próprios, como se fossem planos de saúde ou bilhetes de loteria. Nada a ver com os "poetas babosos" que frequentam saraus como se fossem entrevistas de emprego. As palavras de M.h. só cabem nos poemas. Precisam deles. São palavras que devem ser escritas: mesmo que não sejam lidas, mesmo que não sejam ouvidas, mesmo que fosse preferível esquecê-las. É uma poesia que se faz por si mesma: por escrito. Um singelo empurrão do topo do céu. Canto consonantal de pombo na manhã cinza. Versos para registrar em cartas de suicídio, antes de dizer adeus, mas sem perder a ternura.

M.h.

Há enfrentamento na poesia de M.h. Trafegar em marcha à ré. Nadar contra a maré. Se a ordem, especialmente para os poetas, é aparecer: melhor desaparecer – sem fotos, sem detalhes biográficos, sem contar vantagem, sem concessões e usando siglas para se ocultar. Duas letras, dois pontos finais e boa. M.h. Basta. A poesia que fale por si.

Há despedidas e desaparecimentos na poesia de M.h. Um certo se esconder entre as páginas empoeiradas de algum livro esquecido numa biblioteca abandonada: *Antes de Dizer Adeus*, ou *Pra Dizer Adeus* – como na canção de Torquato Neto e Edu Lobo. Aliás, tivesse eu dez por cento do talento do Edu Lobo, musicaria os poemas de M.h., que dialogam com Torquato Neto.

É curioso. Quando leio textos tristes, como a poesia de M.h., fico alegre. Acho que entendi com as quedas e os desencontros presentes em *Antes de Dizer Adeus*. Quando o frio e a seca apertam, no final do inverno, os ipês florescem. As folhas caídas revigoram o solo enquanto as cores explodem nas flores. É a vida. É a morte. É a poesia. Impossível separar umas das outras. É assim no mundo real. É assim nos poemas de M.h. É assim que deve ser.

Antes de Dizer Adeus, deixemos a poesia adubar nossos vasos sanguíneos, ou plantar estrelas nas solas dos nossos pés. *Antes de Dizer Adeus*, façamos literatura. *Antes de Dizer Adeus*, miremos os ipês no final do inverno: as folhas caindo, as cores vivas das flores. Antes *de Dizer Adeus*, escutemos as paredes do quarto escuro e o canto consonantal dos pombos na manhã cinza. E se for definitivamente o caso de dizer adeus, que seja com ternura e beleza, como nos poemas de M.h.

Jan Cenek

1.

um paradoxo.
quando ela me pergunta o que eu tenho de tão ruim para
reclamar e para querer tirar minha própria
vida

as palavras que me encorajam a dizer como me sinto no
papel, somem e me abandonam, e da minha
boca não sai nada além de um longo suspiro.

2.

quando o baque de realidade já havia atingido minha
cabeça forte o suficiente para me fazer ficar
tonta, você sussurrou baixo que ninguém viria me resgatar
porque afinal, ninguém iria desejar que
uma tempestade avassaladora se instalasse em sua vida, e
que por coincidência, eu era essa
tempestade.

3.

querido diário,
eles dizem que o que eu escrevo é romanticamente dolorido.

Mas por favor não deixe que vejam atrás das minhas pálpebras todos os coágulos de sangue que
guardam as bonitas palavras que se abraçam.

Por favor, você sabe que não vai ser tão bonito quando souberem que a poesia sobe e corta a ponta
dos meus dedos e sussurra baixo que devo sangrar para se tornar arte.

4.

Ansiosamente espero que você me leve aos desenhos nas nuvens lá onde ninguém vê, e com um
singelo (empurrão) toque me veja caindo com um grande (grito) sorriso, até me desmontar e sentir a
relva nem tão macia pinicar minha pele, e me convencer que aquilo é o que mereço.

5.

me afunde e me afogue,
me faça sentir o tintilar da perca
de consciência que é o seu amor;
me faça sentir a poça de sangue que
se acumula nos seus pés;

deixe que eu ande sobre a faca de dois gumes que são suas palavras;

— ela disse

6.

eu não sou nada além
de uma plateia antiga,

eu a observei por anos
enquanto várias bolhas
invadiam seus pés,

eu vi ela cair, torcer o tornozelo
e levantar de novo.

Mas tem uma coisa que ninguém
desta plateia percebeu tão bem
quanto eu percebi,

ela deixa que a dança entre
até os seus vasos sanguíneos, que
plante estrelas nas solas de seus pés,

mas ela está a anos-luz da sua dança.
ela nunca esteve nesse palco realmente.

7.

parte I

sua solidão é visível
e isso contagia feito
um vírus; Você tem
um vazio que corre
feito criança com
confetes na mão;
Sua tristeza carrega
olhos castanhos
e seus globo oculares
saltam pela rua vazia
que mesmo cheia te
faz sentir como se
fosse a única pessoa
do mundo.

8.

parte II

Eu estive no fundo
da sua história não
contada, eu estive
no preto e branco,
bem aqui.

Mesmo que estivesse
sozinho demais para
me perceber em algum
parâmetro desse lugar.

sua solidão não é
a única que te ama.

9.

ajudei ela a furar o próprio
saco plástico que a prendia de
descobrir que existe alguma
coisa além de águas limitadas.

eu vi ela nadar oceano a frente,
acenou e sorriu, e eu senti orgulho

mas me dei conta que eu ainda
estava condenada a descobrir como
furar a minha própria prisão d'água.
faz sentido eu me sentir sufocada mesmo que tenha
nascido para isso?

10.

as sementes do vazio que
nós mesmos plantamos
no adubo de nossos
corpos, desabrocham
até que enfim possamos
suspirar em como estamos
tão cheios de nada.

nunca aprendemos que o
vazio é um sentimento
silencioso que de pouco
em pouco se torna tudo o que
temos até que ele
pegue a bagagem e saia
pela porta dos fundos

dando espaço para mais
um nada que se senta
para comer conosco.

11.

eu escutei noite passada sobre
a minha poesia amassada no fundo
da sua gaveta de tralhas

escutei você rir de muito longe
dizendo que tinha levado tudo que pôde
para garantir que eu nunca mais
colocaria nada no papel.

Me perguntei se você me conhecia mesmo, me perguntei
se você não
sabia que a pele queimada se regenera
dando espaço para uma nova

poesia.

12.

quando os sussurros nada sutis de
fora do meu quarto ficam mais altos,
tenho medo de mover um só músculo,

eles são monstros que rastejam impacientemente para
devorar e comer o resto de coragem em mim.

13.

ela é a única pessoa que fala as
três palavrinhas inexpressivamente.

eu sou a única pessoa para qual ela
fala as três palavrinhas inexpressivamente.

14.

espero que um dia você entre em
alguma biblioteca mesmo que difícil,
procure por mim entre as estantes e
até pergunte para a atendente se alguém
me viu saltitante pelas páginas empoeiradas de algum
livro;

espero que você pense tanto no
meu nome que comece a pensar que
talvez eu tenha usado siglas para
me identificar;

espero que você me ache e que
tente comer as páginas que eu
revelo nós em algumas incógnitas;

espero que alguém te veja e que te
mande embora dali, espero que você
se sinta desolado por não me ter
nem pelas páginas brancas de um livro.

15.

hoje me visitei depois
de muito tempo.

eu sou infiel a mim, eu juro
amor a mim mesma,
juro acordar ao meu lado
todos os dias de manhã, juro que as flores estão a caminho
quando elas nem foram pedidas.

é que me ocupo em outros
corpos, desocupando o
outro lado da cama.

hoje me visitei depois
de muito tempo, e quando
eu me olhei, eu me virei para
o outro lado porque não

consegui suportar olhar o que
eu tinha me tornado.

16.

ele sentou comigo no meio
fio da rua movimentada e quando
o sol quase caia ele passou
o braço na minha cintura
e disse que me amava muito

eu perguntei se aquilo era
uma despedida e ele sorriu
com aqueles olhos cansados
ensopados de sofrimento

“quem sabe” ele me disse.

eu só fiquei com um papel velho
e copiei sua caligrafia para
todos os dias colocar
no papel um pedaço de você.

17.

Em quatro paredes sem luz,
um pintor se sentou em frente
a uma tela branca espessa
de uma camada fina de poeira
sem criação ou ideias.

Um dia me apresentaram a
ele, que se iluminou, que
me desenhou;

Desenhou todos os meus
traços imperfeitos, a lombada
do meu quadril e os fios
do meu cabelo bagunçado.

quando ele já me amava o
suficiente; Quando a tela que
um dia foi vazia se encheu com
a nossa alma, ele se levantou,
ele me olhou, e foi a primeira
vez que eu vi seu lábio se mover.

“eu preciso me desprender de você”.

18.

o maior ato de amor próprio
que eu já fiz por mim foi entrar
no seu castelo de cartas afiadas
e chutar toda nossa história.

a escritora do lado de fora
se revoltou, riscou e rasgou

tudo, gritou comigo lá de cima
e disse:

— como você pôde não aceitar
tudo calada? seu único trabalho
era não descobrir que existe um
atalho para amar a si mesma.

19.

pela manhã você vai me
encontrar morta ou talvez
nem encontre por estar tão
ocupado;

pela manhã você vai achar
que eu estou dormindo com
a porta fechada quando meu
corpo está pendurado;

talvez você nunca me encontre;

talvez me encontre apenas
quando não ouvir nada além
da sua escuridão precisando
ser preenchida pela minha luz;

mas que luz?

20.

antes de dizer adeus a vocês, sentimentos, preciso
desenterrar tudo e simplesmente os deixar aí,
pegando toda essa chuva e sol, pelo simples fato de já
estar liberta

vocês vão me perguntar para que tanta hipocrisia, o
porquê de eu estar gastando tanto tempo e
energia escrevendo sobre eles

mas eu digo que preciso sentar e comer biscoitos para
entender tudo, levantar e ir embora quando já
souber o suficiente.

21.

os detalhes do seu rosto
foram se esvaindo feito
areia na peneira

você se tornou a caixa velha que
abrimos de anos em anos e
recordamos os velhos tempos.

22.

seu primeiro abraço de verdade,
você me disse isso com tanta paixão
que eu senti toda hemorragia
persistente dentro de mim se
transformar em gotas de chuvas
da cor do amor.

quando tudo começou a deixar
manchas de vermelho você
pegou um guarda-chuva ridiculamente
branco e brigou comigo:

“não posso suportar mais, isso não pode parar? meus
braços estão cansados, essa chuva manchou
todo meu guarda-chuva, e quis persistir porquê amava
você.”

mas eu pensei, se me amava porque quis se proteger de
mim?

23.

o zumbido fica mais forte
quando tudo que você se foca
é apenas limpar o sangue da mamãe no asfalto na
porta de casa

o zumbido desaparece
quando ele sai de casa
arrancando a porta e nada
resta de bom a não ser
o abraço mais ou menos
quente dela

você nunca mais foi a mesma.

24.

todas nós não brilhamos
tanto quanto parece mas eu percebi
que pareço brilhar menos do que elas.

para as vozes:
será que vocês podem mentir
um pouco melhor?

25.

nem havia porta para eu
fingir que eu queria me esconder,
me agachei no canto mais iluminado
do quarto e esperei por décadas
para você me encontrar.

você entrou aqui, olhou para todos
os lados e eu sei que você me achou,
os meus olhos brilhando de esperança,
senti como uma facada neles.

você nunca foi capaz de me salvar
de mim, você nem quis.
Eu fechei tudo.

26.

pensei que você seria o príncipe
para me salvar dos meus dragões.

corremos até a velha ponte e você
me disse que não era para eu me
preocupar em cair.

nós caímos.

27.

arranque minha cabeça fora,
meu cérebro não se interessa se
está desconecto, ele não se importa;

vai passar um filme, sente para assistir
toda nossa história juntos.

arrancaram minha cabeça fora e
mesmo assim eu senti saudade,
meu cérebro nem lembrou de ter
sido subtraído do meu corpo,

ele lembrou de tudo.
eu chorei por você
por uma última vez.

28.

havia dias que eu estava
naquela floresta infinita,
durante a noite podia escutar
vozes vindo das árvores

eu não conseguia mais
ouvir o barulho do seu resgate,

eu entrei em desespero, achei
que nunca mais iria saciar
minha fome novamente;

então você jogou todas

aquelas larvas do céu e disse
que era tudo que tinha a oferecer
quando sua aparência parecia
tão vivida e saudável.

eu comi, eu aceitei tudo porque
pessoas famintas comem qualquer
migalha que julgam ser boa.

como eu acho a saída daqui?

29.

eu sempre me fechei para você,
a porta do quarto estava sempre
fechada e mesmo assim você
sempre achou um jeito de entrar.

mas um dia ficou silencioso demais.

eu pensei que estava só,
pensei que finalmente tinha me
tornado parte do oco dessa casa.

mas foram só pensamentos,
eu transbordei aqui dentro,
eu achei que podia nadar no
meu mundo sem você.

mas você abriu a porta do
quarto novamente, eu me
recolhi, eu tenho medo do
momento que a maçaneta
vai virar.

30.

um espelho e a separação entre
sombra e luz da sala chamada de
casa. nunca deixar a sombra te consumir
por inteiro e às vezes brincar de
fada e voar no imaginário da sua
cabeça. escutar que você é incrível e
que não faria mal algum a si mesma.
acreditar tanto na mentira que as
crueldades feitas por essas delicadas
mãos passassem acenando feito uma
princesa. então o choque vem e você
percebe que é má, quando a sombra
está grande demais para assustar a
última fresta de luz que ainda tinha
esperança. nunca deixar a sombra te consumir por inteiro e
você só lembra disso quando ela já
consumiu e quando
você nem lembra mais onde deixou
as asas de fada.

31.

eles dizem que sabem o que ela faz
lá entre aquelas paredes finas, dizem
que as paredes guardam segredos
jamais ditos e que eles sussurram
durante a madrugada lamentando
pelo triste ser humano deitado
no único centro do oco. mas ninguém
se importa em saber o que as
paredes finas de sua pele também
guardam, ninguém vê. tudo é tão
bem tapado pelas mentiras que ela também acredita, os
sussurros viraram
uma crença e é nisso que ela se apega.
ela então acredita no que
as paredes guardam.
ela esquece o que perfura ela
por dentro. ela dá ouvidos demais.

32.

te faço declarações dentro de mim,
os meus olhos se declaram toda vez
que te vejo, mesmo de longe.

eu te faço cartas na sala da casa
do meu coração, que já é cheia de
furos, a chuva agora consegue
me molhar e você não está aqui
para concertar a telha quebrada.

as palavras se perderam e
o papel rasgou, você nunca terá
a oportunidade de ler

nem eu.

33.

'esconda essa chave, nunca mais
quero abrir essa janela', eu disse
para mim.

mas era
transparente, não podia evitar espiar
pela cortina, não consegui resistir
a autossabotagem.

eu fui domada e acolhida pela
tristeza, não posso fugir de seus
braços.

eu mesma escondi a chave, eu
mesma a achei novamente, eu
disse que seria uma decisão diária.

mas era mais forte, eu me joguei
e não consegui parar de cair,
eu não sei como voltar, como
esquecer você?

34.

cada cômodo tem paredes com
histórias, e quando está escuro
demais para sair, elas te contam
detalhes das vidas passadas que
correram por esse mesmo piso
escorregadio e escorrem sangue
para encenar melhor.

será uma maldição? todas as
pessoas que já viveram aqui antes
tem esse mesmo medo da mamãe
arrancar a maçaneta da porta e
te olhar com aqueles olhos?

com certeza é uma maldição.
está escuro demais para sair e
silenciosamente a graciosa stela
dança e me mostra que talvez não
seja, talvez a maldição seja eu

talvez
a mamãe me ame, mas não o
suficiente para gostar de mim
e não me fazer querer me trancar
aqui e alucinar histórias irreais
numa parede com apenas

rabiscos.

35.

por favor não queiram mergulhar
na fonte da praça na esquina de casa.

ela é bonita e atraente e todos querem
um pouco da água, alguns pensam
até que pode os deixar mais bonitos.

por favor, não.

ela não tem mais o que oferecer,
a superfície é tão limpa e bonita mas
o que tem por baixo é condenável,
vocês se afogaram e seus corpos
vão sumir e se dissolver.

vocês vão ser apenas mais um
em que o sangue se misturou com os
outros, os ossos farão pilhas no fundo.

a cidade ficará em alerta e a polícia
vai vir, mas o que podem resolver?
o que podem sugerir? já estão mortos
e ninguém suspeita dela.

sempre foi deixado avisado.